

UMA ANÁLISE “PÓS-MODERNA” DA CRISE DE 2008

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com o fim do feudalismo, os servos foram libertados dos liames da servidão e da terra de onde tiravam seu sustento, o que significava a liberdade de poder vender sua força de trabalho para os detentores dos meios de produção, passando de servos a assalariados. Para os proprietários de terra, a liberdade consistia em poderem dispor de sua propriedade como bem lhes aprouvessem. Dessa forma, a nova organização social baseava-se nesse duplo conceito de liberdade: liberdade do trabalho (assalariamento) e liberdade no uso da propriedade dos meios de produção-capital.

Após a revolução burguesa, ocorrida na Inglaterra no período de 1640 a 1660, as instituições foram sendo adaptadas à nova organização baseada na propriedade e, um conjunto de idéias, foi surgindo para justificar essa nova ordem, como as de John Locke (1632-1704) e a de Adam Smith (1723-1790). Assim surgiu o ideário do liberalismo, tendo como pilares a propriedade e a liberdade.

O Liberalismo pode ser sintetizado como o postulado do livre uso, por cada indivíduo ou membro de uma sociedade, de sua propriedade, seja ela relativa à força de trabalho ou aos meios de produção. Nesse sentido, todos os homens são iguais perante a lei, conforme o ideário burguês, assim como a organização social baseada na propriedade e na liberdade serve ao bem de todos. Isso significa que, não havendo antagonismo entre as classes sociais, a ação pode ser orientada simplesmente pela razão. Esse é o cerne da proposição ideológica, que visa a dominação consentida dos trabalhadores através da operação de identificar o interesse da classe dominante (a dominação da ordem social vigente) com o interesse da sociedade como um todo, ou seja, a nação.

Conforme postulava Adam Smith (1723-1790), economista e filósofo escocês, as ações individuais movidas exclusivamente pelo interesse próprio seriam guiadas infalivelmente por uma “mão invisível” no sentido da realização do bem comum. Assim acreditava que a iniciativa privada deveria agir livremente, com pouca ou nenhuma intervenção governamental. A competição livre entre os diversos fornecedores levaria forçosamente não só à queda do preço das mercadorias, mas também a constantes inovações tecnológicas, no afã de reduzir o custo de produção e vencer os competidores.

Com o intuito de combater a onda de revoluções socialistas no século passado, um dos últimos clássicos a recapitular a doutrina liberal foi Ludvick von Mises (1881-1973) da Escola de Viena. Depois disso, o liberalismo ficou em segundo plano ofuscado pela social-democracia, para renascer no ocaso desta no final do século, travestido como neoliberalismo.

No final do séc. XIX, com a Escola Austríaca, começou a ressurgir o que se convencionou definir como neoliberalismo, tendo como um dos expoentes o economista-filósofo Friedrich von Hayek (1899-1992). Em seu livro *O Caminho da Servidão* (1944), Hayek expôs os princípios básicos de sua teoria, segundo a qual o crescente controle do estado é o caminho que leva à completa perda da liberdade e indicou que os trabalhistas, em continuando no poder, levariam a Grã-Bretanha ao mesmo caminho dirigista que os nazistas haviam impostos à Alemanha. Seus pressupostos não são baseados exclusivamente em leis econômicas ou na ciência pura da economia, mas incorporam em sua argumentação um grande componente político-ideológico.

Uma outra vertente do neoliberalismo surgiu nos Estados Unidos e concentrou-se na chamada Escola de Chicago, tendo como expoente o Prof. Milton Friedman (1912-2006), o qual criticou o New Deal de Roosevelt, que respaldou na década de 1930 a intervenção do Estado na economia com o objetivo de tentar reverter a depressão e a crise social que ficou conhecida como a “crise de 1929”. Friedman e outros economistas defensores do livre mercado argumentaram que a política intervencionista do Estado ao invés de recuperar a economia e o bem-estar da sociedade, teria prolongado a depressão econômica e social.

Assim, propulsada pelas alterações sociais, artísticas e filosóficas que se iniciaram a partir da década de 50, a “mão invisível” defendida por Adam Smith em 1776, retornou como alternativa vantajosa segundo os neoliberais aos controles governamentais até então existentes, bem como às restrições ao livre fluxo de mercadorias, criando assim uma economia globalmente liberalizada. A esse projeto econômico-político, que foi liderado principalmente pelos Estados Unidos e Inglaterra chamou-se *neoliberalismo globalizante*. Estes dois países acreditavam que esse processo melhor atenderia a seus interesses econômicos no momento turbulento que atravessavam (Crotty 2002). Os defensores da *globalização neoliberal* usaram em seu discurso “globalista-liberalizante” a teoria econômica neoclássica, que reza que, não havendo intervenção econômica governamental excessiva, tanto as economias nacionais quanto a economia mundial operariam de forma eficiente, conforme os modelos dos mercados perfeitamente competitivos. Tais argumentos foram aceitos e adotados principalmente pelos Estados Unidos e Inglaterra até nossos dias.

2. O “PÓS-MODERNISMO”

O período conhecido como Pós-modernismo, é marcado pelas mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e na sociedade, que acarretam uma alteração social e individual, como a realidade baseada em simulacros e um indivíduo com um sentimento de vazio interior que o leva à uma crise existencial, pois a personalização está sendo construída através da aparência e de um narcisismo exacerbado, com a supervalorização da imagem. O termo “pós-moderno” é bastante discutível, não sendo uma unanimidade no meio acadêmico. No entanto, será utilizado neste trabalho para significar o conjunto de mudanças por que passa a sociedade contemporânea que, paradoxalmente, mantém e modifica características próprias da modernidade. Conforme define Jair Ferreira dos Santos (1987):

Pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950). Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Toma corpo com a arte pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela *tecnociência* (ciência + tecnologia invadindo o cotidiano com desde alimentos processados até microcomputadores), sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural.

Exatamente por ser um período recheado de turbulências e extremamente volátil, o “Pós-modernismo” não tem um fim em si mesmo e é considerado um período de transição. Para onde ou para o que se segue ninguém ainda sabe ao certo. O fato é que o “Pós-modernismo” é característico das sociedades pós-industriais, onde o sujeito é bombardeado de informações aleatórias e fragmentadas e recebe estímulos desconexos no que tange à moda, ao design, à publicidade e aos meios de informação e comunicação como computadores, telefones celulares, satélites e demais tecnologias.

A era pós-moderna se faz notar: pela invasão do cotidiano com a tecnologia eletrônica de massa e individual, ocasionando uma saturação de informações, diversões e serviços, em que se lida mais com signos do que com coisas; na economia, extremamente volátil, em que se trabalha com dinheiro virtual e de plástico. A influência da tecnologia é cada vez maior, reduzindo-se ao máximo a presença física do indivíduo. Nota-se na transformação do mundo em uma “aldeia global”, em que acontecimentos no mais recôndito lugar do planeta podem produzir efeitos significativos nas grandes economias ou políticas; na arquitetura, com construções inusitadas, na pintura, no cinema, na escultura, valorizando-se o pastiche. Nota-se na filosofia, na presença do niilismo, do nada, do vazio, da ausência de valores e de sentido para a vida. “Mortos Deus e os grandes ideais do passado, o homem moderno valorizou a Arte, a História, o Desenvolvimento, a Consciência

Social para se salvar. Dando adeus a essas ilusões, o homem pós-moderno já sabe que não existe Céu sem sentido para a história, e assim se entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo” (Santos, 1987); a televisão apresenta os fatos em tempo real; a mídia (TV e a imprensa) apresenta os fatos pelo ângulo que mais lhe convier, dando ao detentor da informação o poder de manipular as massas; no culto não mais ao ter, mas ao aparentar, valorizando o simulacro; no desejo não mais do novo, mas do superável, cujo exemplo mais significativo é o aparelho celular, que se supera rápida e continuamente, fazendo com que sempre se queira o modelo mais atual. Também se faz notar nos textos que não tem mais um significado único, possibilitando incontáveis interpretações. O texto não pertence mais a quem o escreveu, mas a quem o interpreta. Na religião, no culto à prosperidade, através do surgimento de diversas Igrejas neopentecostais; na valorização do local, da micro-sociedade, do bairro, da igreja; no uso da colagem na pintura, nos vídeos-clips - o próprio cinema representa a colagem de fotos que são passadas velozmente; no uso da tecnologia da informática na produção de filmes. Ainda, na celebração do transitório: as peças teatrais são elas mesmas transitórias, pois acabam no mesmo dia, além de não permitirem que algum erro cometido na apresentação seja refeito; no fim das metanarrativas. O Pós-modernismo prega o desapego a qualquer mito que possa ter caráter dominador e à rejeição a tudo que signifique a legitimação dos grandes discursos.

Desta forma, pode-se perceber a mudança drástica trazida pelo Pós-modernismo e o que isso significou ao indivíduo que no Modernismo possuía conceitos, definições e verdades para basear seu cotidiano. Já não há mais o absolutamente certo, tudo é relativo, tudo é possível. O ambiente Pós-moderno coloca os meios tecnológicos de informação e o simulacro entre o sujeito e o mundo. O mundo não é informado, mas sim refeito à sua maneira, hiper-realizando-o e transformando-o em espetáculo. O cinema nos dá bons exemplos com os efeitos especiais simulando fatos, situações e até pessoas, alterando a idéia de realidade na tela. Os atores têm seus movimentos captados por computador e são reconstruídos por meio de computação gráfica:

Trata-se, portanto, de um processo de ‘desrealização’, que se reflete nitidamente na imagem final, ou melhor, uma virtualização da figura original dos atores. Tanto o processo quanto o resultado deixam claro que está em andamento uma revolução da natureza da imagem do cinema que a distancia da fotografia e a aproxima dos videogames.

Reportagem sobre o filme “A Lenda de Beowulf”, no Jornal Folha de São Paulo, Ilustrada, 30/11/2007, pág. E4.

O “Pós-modernismo” vive a era digital: a sociedade se digitaliza, o mundo todo se digitaliza em forma de painéis nas ruas, na automação bancária, no mecanismo dos automóveis, nas televisões digitais, nas vitrines, enfim em tudo que cerca o indivíduo. O objetivo é fazer o máximo no menor tempo possível e o sujeito acaba sendo forçado a fazer escolhas sempre, como o “sim/não” do dígito binário do computador. Digitalizados os signos exigem escolhas rápidas, impulsivas, extremamente favoráveis ao consumo.

O “Pós-modernismo”, apesar da ruptura que promove, ainda necessita das bases modernistas e suas conquistas para se fazer presente, como o aço, a fábrica, o automóvel, a arquitetura funcional, a energia elétrica que, no entanto, foram modificadas, inovadas e traduzidas em linguagem pós-moderna. No indivíduo as modificações também ocorreram: o moderno mobilizava as massas para a luta de classes, enquanto o pós-moderno dedica-se às minorias raciais, sexuais e culturais, atuando no microcosmo social. Enquanto o Projeto Iluminista da modernidade pregava o desenvolvimento material e moral do homem pelo Conhecimento, o “Pós-modernismo” vem de encontro afirmando que Conhecimento não é sinônimo de algo necessariamente bom, pois pode significar o domínio de uns sobre os outros. “O saber pós-moderno não é somente o instrumento dos poderes. Ele aguça nossa sensibilidade para as diferenças e reforça nossa capacidade de suportar o incomensurável. Lyotard (2006).

Segundo E. Mendel (1923-1995) em “Late Capitalism”, Londres: 1975, a produção cultural está intimamente ligada à produção de mercadorias, com “uma frenética urgência de produzir novas ondas de bens com aparências cada vez mais novas, em taxas de transferência cada vez maiores”, levando a produção cultural a um cenário de conflito social.

Desde a antiguidade, buscou-se explicar o princípio e o fim último de tudo para explicar ordenadamente o Universo, a Natureza e o Homem. O Pós-modernismo, através de sua negação aos chamados grandes valores ocidentais (Deus, Ser, Razão, Sentido, Verdade, Totalidade, Ciência, Sujeito, Consciência, Produção, Estado, Revolução, Família), choca-se com o Cristianismo e sua fé na salvação, com o Iluminismo e sua crença na tecnociência e no progresso e com o marxismo, com sua aposta numa sociedade comunista. Nietzsche considerava que o Estado, a Ciência e a Organização social moderna domesticavam o homem, anulando seu instinto e criatividade.

Para Nietzsche, a própria criação de valores supremos significou niilismo, decadência, pois trocou-se a vida carnal, instintiva, concreta, por modelos ideais inatingíveis (o Belo, o Bom, o Justo). Mas, vendo-se abandonado no universo, o homem ocidental *projetou valores supremos*, que lhe acalmassem a angústia, lhe justificassem a existência. Fim (para garantir um sentido, um happy-end); Unidade (para assegurar que o universo é um todo conhecido pela ciência); e Verdade (para guiar-se pelo ser, pela real natureza das coisas) SANTOS(1987).

Para derrotar o sistema, Deleuze e Guattari (1984) sugerem promover o anti-Édipo, o esquizofrênico, a pura máquina desejante que o Complexo de Édipo, isto é, a família não programou. Ele não segue os padrões estabelecidos e nem se submete a normas e condições. No entanto, em uma entrevista, Guattari explicou que “ele não é o psicótico que está fora da realidade, pois liberado em seu desejo, deixando suas energias fluírem e se conectarem com outras máquinas desejantes como mais lhe agradar, o esquizofrênico é o modelo para o revolucionário de nossos dias”. Ainda em *Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari apresentam a hipótese de um relacionamento entre a esquizofrenia e o capitalismo, concluindo que “a nossa sociedade produz esquizofrênicos da mesma maneira como produz o xampu Prell ou os carros Ford, com a única diferença de que os esquizofrênicos não são vendáveis”. Devemos entender esquizofrênico, não em seu sentido estrito, mas como uma forma de fragmentação do sujeito, uma desordem que cria “um agregado de significantes distintos e não relacionados entre si” (HARVEY, 2007).

3. A CRISE DE 2008

A crise econômica que abateu o mundo teve seu início oficial em setembro de 2008, com a falência de um dos ícones do capitalismo financeiro americano: a quebra do banco Lehman Brothers. No entanto, como explica o Prof. Paul Singer¹ em artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, seu desenho começou em 2001 quando bancos de investimento passaram a oferecer abundantes financiamentos para a compra de moradias, em condições muito favoráveis, o que fez a demanda por imóveis crescer à frente da quantidade posta à venda. Dessa forma, os preços dos imóveis subiam continuamente, caracterizando a bolha. Em 2006, o número de compradores começou a cair, enquanto a quantidade de prédios e casas em construção ainda crescia. A consequência lógica trazida pela falta de compradores foi a queda dos preços dos imóveis e o estouro da bolha. As famílias que haviam comprado moradias a prazo, cujos valores caíam abaixo da dívida por pagar, suspenderam sua amortização, dando aos bancos e aos fundos que possuíam esses créditos em carteira prejuízos totalizando muitos bilhões de dólares. Consequentemente, as instituições financeiras atingidas não tinham mais como cumprir

¹ Economista e professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP

suas obrigações com as demais, assim também alcançadas pelo vórtice da inadimplência.

E continua o Prof. Singer:

O resultado se tornou patente em 2008: as finanças de todas as economias nacionais globalizadas foram tomadas pelo pânico. Mesmo os bancos pouco atingidos suspenderam as operações de crédito, com medo de os tomadores ficarem inadimplentes. O crédito se tornou ustraescasso e a crise atingiu empresas não financeiras. A crise automobilística, por exemplo, se deveu à queda das vendas, relacionada ao encurtamento dos prazos de pagamento dos carros, e a formação de estoques invendáveis deixou a indústria sem dinheiro para pagar fornecedores e empregados, que haviam construído os carros encalhados nos pátios". SINGER, Paulo "As políticas keynesianas à prova" in Jornal Folha de São Paulo de 19/03/2009, pág. A3.

Processos como esses atingem paulatinamente todas as atividades econômicas, que tendem a parar se nada for feito. Por essa razão, em uma economia globalizada como a atual, a crise iniciada nos Estados Unidos atingiu todo o mundo, pois além da queda no comércio exportador/importador, muitos países possuem títulos de empresas e do governo americano. Tal situação obrigou os dirigentes das nações a se reunirem em caráter de extrema urgência e se renderem à filosofia econômica de John Maynard Keynes², que consiste essencialmente em ações do setor público em substituição ao setor privado paralisado pelo pânico. Os bancos públicos salvam tanto bancos privados em crise, oferecendo-lhes o crédito que eles se negam mutuamente, como empresas não financeiras em crise. Conforme expôs Keynes em seu livro "Teoria Geral do Emprego, Juros e Dinheiro" de 1936, portanto logo após a Grande Depressão (crise de 29), em momentos de desemprego alto, os governos deveriam expandir a demanda por meio de gastos públicos bancados por déficits orçamentários. Em seguida, em momentos de desemprego baixo, os governos deveriam amortizar as dívidas contraídas.

O que se vê no momento atual é não mais a "mão invisível" atuando, mas sim os governos das nações ricas e em desenvolvimento agindo procurando oferecer um rumo à economia e corrigindo possíveis distorções.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O epicentro da crise foi a maior economia neoliberal do mundo: os Estados Unidos, onde a onda pós-moderna encontrou solo fértil para se desenvolver.

A sociedade industrial produziu bens materiais, enquanto a pós-industrial consome serviços, os quais não exigem fábricas com linha de montagem, mas sim um eficiente e

² Economista inglês autor da teoria de que o Estado deveria ser o regulador do sistema econômico.

eficaz sistema de informação. A conclusão a que se chega é que o Conhecimento nas sociedades pós-industriais objetiva a aceleração e o aumento da produção, apresentando como justificativa a melhoria da vida do indivíduo, mas escondendo a verdadeira intenção: o aumento do consumo. Esta é a grande narrativa do Conhecimento. Os hábitos e as atitudes de consumo sofrem transformações e são manipulados pelo capitalismo, que produz desejos e estimula sensibilidades individuais, criando forças que emanam do consumo da massa: a moda, a pop arte, a televisão. Conforme explica P. Bordieu em "Distinction: a social critique of the judgment of taste", Londres:1984, há a criação do chamado "capital simbólico", que significa o acúmulo de bens de consumo suntuosos que atestam o gosto e a distinção de quem os possui. De acordo com Harvey (2007), a procura de meios de comunicar distinções sociais através da aquisição de todo o tipo de símbolos há muito é uma faceta central da vida urbana. Há um fascínio pelo embelezamento, pela ornamentação e pela decoração como códigos e símbolos de distinção social. A consequência disso é o surgimento do chamado "neo-individualismo pós-moderno", onde o sujeito vive o culto à sua auto-imagem e busca a satisfação imediata de seus desejos com vistas a aumentar o seu "capital simbólico".

A experiência do indivíduo é reduzida a uma série de presentes puros e não relacionados no tempo e a imagem e a aparência são vividos de uma forma intensa e imaterial, mesmo não tendo nenhuma coerência com a realidade. Há uma incapacidade de unificar o passado, o presente e o futuro na própria experiência biográfica do sujeito, bem como uma preocupação com as aparências superficiais mais do que com as raízes.

Há um culto à imagem. As grandes corporações e os líderes intelectuais e políticos valorizam uma imagem estável, como significação de autoridade e poder. Assim a imagem vai além do simples reconhecimento de uma marca, como signos altamente positivos: respeitabilidade, qualidade, prestígio, confiabilidade, inovação, etc. Há uma competição no mercado pela construção de imagens e o sujeito não fica imune.

Ao adquirir um bem, o sujeito não o faz movido somente pela qualidade ou necessidade, mas sim pelo "capital simbólico" embutido, ou seja, a mensagem que esse bem vai significar. Na medida em que a identidade depende cada vez mais da imagem, os seus fabricantes detêm o poder de moldar também identidades políticas. Conforme explica o sociólogo francês Jean Baudrillard, as mensagens são criadas visando à "espetacularização" da vida, à simulação do real e à sedução do sujeito. Deve ser considerado o papel do simulacro no pós-modernismo. Conforme define David Harvey, "por simulacro designa-se um estado de réplica tão próxima da perfeição que a diferença entre o original e a cópia é quase impossível de ser percebida". Assim, pode-se ter uma mesa de jacarandá, sem jacarandá, um concerto de piano, sem piano. A pós-modernidade motiva e

controla basicamente pela sedução e seduzir significa encantar artificialmente. “O cotidiano hoje é o espaço para o envio de mensagens encantatórias destinadas a fisgar o desejo e a fantasia, mediante a promessa da personalização exclusiva” (SANTOS, 1987). Não basta ter o artigo desejado, ele precisa ser personalizado, significando que é exclusivo daquele indivíduo. É desta forma que o sujeito busca encontrar-se e se individualizar diante do mundo voltado ao aparentar. É o novo egoísta do pós-modernismo.

Pragmatismo, cinismo. Preocupações a curto prazo. Vida privada e lazer individual. Sem religião, apolítico, amoral, naturista. Na pós-modernidade, o narcisismo coincide com a deserção do indivíduo cidadão, que não mais adere aos mitos e ideais de sua sociedade”. *Jornal Le Monde*, Paris, 22/04/1984.

No ocidente, o sujeito humano, em oposição ao objeto, era até há pouco o senhor absoluto do conhecimento racional, da liberdade, da criação. Há décadas, no entanto, as Ciências Humanas vieram borrar essa imagem ao descobrir seus condicionamentos e limites. A psicanálise revelou-o escravo do seu inconsciente irracional. O marxismo deu-o como escravo da sua classe social e um átomo insignificante da massa. E a lingüística disse que seu pensamento criador era na verdade escravo das palavras. Falou –se até da ‘morte do sujeito’. (SANTOS, 1987)

No ambiente pós-moderno o sujeito vive um “narcisismo dessubstancializado”, ou seja, um amor desmedido pela própria imagem, porém com um grande sentimento de vazio e falta de identidade. A vida é facilitada ao máximo propiciando um hedonismo consumista, cultuando seu ego. Seus valores são trocados por modismos e o sujeito acaba ele mesmo virando um signo e se sentindo o simulacro de algo que ele já nem sabe o que é. No mundo pós-moderno o sujeito tem grande dificuldade em sentir e representar o mundo em que vive e a entender a si mesmo neste contexto. Cria seu mundo possível e acaba por perder sua identidade, pois não sabe mais se definir. Ele é o que pensa, é o que pensa que o mundo pensa dele ou apenas um simulacro de algo que ele ainda não pensa?

Foi buscando sua identidade que os consumidores pós-modernos embarcaram em uma fé jovial no futuro e na confiança nas instituições econômicas. Buscando serem reconhecidos pelo símbolo da prosperidade e sucesso, hipotecaram sucessivamente seus imóveis não pelo valor real, mas pelo valor ilusório, utilizando o excedente não para investimento, mas para saciar sua sede de consumo de símbolos. Os símbolos são subjetivos, valorados conforme o valor que lhes é atribuído pela sociedade, não são bens palpáveis e não exprimem, portanto, seu valor real. Por outro lado, as empresas de crédito imobiliário, tomadas por um otimismo exagerado e ilusório do ganho fácil no mercado aquecido, confiantes em balanços e prognósticos dúbios, ofereceram empréstimos sem a devida garantia. Assim, quando houve a queda na demanda por imóveis e o conseqüente excedente de ofertas, os preços começaram a cair vertiginosamente, retomando aos patamares reais. O resultado foi que os tomadores dos empréstimos sucessivos não

puderam honrar seus compromissos e os bancos e financeiras ficaram com “títulos podres” (empréstimos sem garantia real) e com a retomada de imóveis a preço de mercado abaixo das hipotecas. Em outras palavras, ficaram com um rombo em suas carteiras e prejuízos para os investidores em seus títulos, muitos deles em outros países.

O que mais chamou a atenção nesta derrocada geral, foi a ilusão acometida em empresas tradicionais e pessoas experientes e de renome, que acreditaram no que quiseram acreditar, esquecendo dos sinais óbvios e a cautela. Assim ocorreu, por exemplo, com bancos americanos e internacionais, investidores tradicionais, artistas, empresários que confiaram no Fundo Madoff operado pelo fundador da Nasdaq³, Bernard Madoff. Este fundo era uma espécie de pirâmide de investimentos que pagava lucros exageradamente irreais. O que levou tantos experts a investir neste fundo foi o desejo do lucro rápido no mercado artificialmente aquecido, bem como a confiança na autoridade representada por Madoff. O resultado foi um prejuízo de mais de 50 bilhões de dólares e seu criador, antes respeitado e adorado como guru em investimentos, foi preso e execrado pela sociedade. O que Madoff fez foi oferecer o que o consumidor queria: prosperidade, lucro fácil, consumir seus símbolos. Como isso foi possível?

Quem nos dá uma pista é Lyotard em sua obra “A condição Pós-Moderna” (2006):

(...) o traço surpreendente do saber pós-moderno é a imanência a si mesmo, mas explícita, do discurso sobre as regras que o legitimam. O que pode passar ao final do século XIX por perda de legitimidade e decadência no ‘pragmatismo’ filosófico ou no positivo lógico não foi senão um episódio, por meio do qual o saber ergueu-se pela inclusão no discurso filosófico do discurso sobre a validação de enunciados com valor como leis”. LYTOARD, Jean-François, A condição Pós-Moderna, pág. 100.

Lyotard, nesta mesma obra, explica que um fato pode legitimar uma “realidade” manifestada pelo indivíduo que acaba por ser o “senhor” da mesma, uma vez que é respeitado como detentor do conhecimento e reconhecido como autoridade decisória. Explica que “a eficácia de um enunciado (...) aumenta na proporção das informações de que se dispõem relativas ao seu referente. Assim, o crescimento do poder e sua autolegitimação passam atualmente pela produção, a memorização, a acessibilidade e a operacionalidade das informações”. Isso significa que a disponibilização de informações e a autoridade de quem as transmite trás a sua legitimação, mesmo que os dados sejam tendenciosos. A explicação para isso está no próprio serviço prestado ao fortalecimento do poder do Estado e das empresas, “um momento na circulação do capital”, conforme argumenta Lyotard: “no discurso dos financiadores de hoje, a única disputa confiável é o

³ O NASDAQ (**N**ational **A**ssociation of **S**ecurities **D**ealers **A**utomated **Q**uotations) é uma Bolsa de valores eletrônica, constituída por um conjunto de corretores conectados por um sistema informático. Esta bolsa listava mais de 5.000 ações de diferentes empresas no ano de 2000), em sua maioria de pequena e média capitalização. Caracteriza-se por compreender as empresas de alta tecnologia em eletrônica, informática, telecomunicações, biotecnologia, etc.

poder”. Por esta razão, continua, “a hierarquia especulativa dos conhecimentos dá lugar a uma rede imanente e, por assim dizer, ‘rasa’, de investigações cujas respectivas fronteiras não cessam de se deslocar”. Assim, um discurso é legitimado pelo sujeito investido pela sociedade como autoridade, de acordo com Lyotard: “Nesta perspectiva, o verdadeiro saber é sempre um saber indireto, feito de enunciados recolhidos e incorporados ao metarrelato de um sujeito que assegura-lhe a legitimidade”. Portanto, conclui-se que, o que se chamou de “Fraude Madoff” foi um misto de disponibilização de informações manipuladas, não conferidas pelos bancos e investidores em virtude da autoridade investida em quem as disponibilizou, acrescida da possibilidade da satisfação imediata dos desejos de uma sociedade ávida por tornar real em si mesma os símbolos por ela erigidos.

Histórias como essas surgiram e desapareceram em rápida sucessão nos últimos anos. Primeiro foi a bolha da internet e as histórias sobre jovens milionários, os “yuppies”, que despertavam inveja em todos. Ela estourou em 2000, mas foi logo substituída por uma nova, envolvendo pessoas que lucravam ao comprar e revender imóveis com esperteza, conforme explica o artigo do Prof. Robert Shiller⁴, publicado no jornal “Financial Times” e reproduzido no jornal “Folha de São Paulo” de 15 de março de 2009, página B9:

Essa mania foi produto não apenas de uma história sobre pessoas, mas de uma história sobre a forma como a economia funcionava. Era parte de uma história em que todos os investimentos em hipotecas securitizadas eram seguros, pois tanta gente inteligente estava envolvida. Todas aquelas pessoas invejáveis estavam adquirindo esse tipo de ativo e certamente os estavam verificando, portanto nós não precisaríamos fazê-los. Bastava acompanhá-los.

As pessoas se deixaram envolver e iludir pela crença da prosperidade e, principalmente pelos seus símbolos. Poderiam aparentar ter alcançado o sucesso que almejavam e que tanto a mídia apregoava através dos símbolos agora factíveis de serem adquiridos: poderiam vestir as roupas caras usadas pelos seus ícones do showbusiness e parecerem-se com eles, ostentar carros tão grandes quanto seus desejos, freqüentarem lugares da moda, viajar aos destino-símbolo das pessoas prósperas, enfim consumir desmesuradamente e aparentar o que desejavam ser e não o que eram na realidade, como se essa situação fosse perdurar indefinidamente. Sua identidade como indivíduo estava calcada no ter, no aparentar, em simulacros. É ainda o Prof. Shiller que explica ao falar de um dos problemas não previstos na teoria clássica padrão (liberalismo) que remonta a Adam Smith em sua obra *A Riqueza das Nações* de 1776:

⁴ Robert Shiller é professor da Universidade de Yale e co-fundador e economista chefe da Macro Markets.

O que essa teoria negligencia é que existem momentos nos quais as pessoas confiam demais. E tampouco leva em conta que, se puder fazê-lo com lucro, o capitalismo não produzirá apenas o que as pessoas realmente querem, mas o que elas pensam que querem. (...) se puderem fazê-lo com lucro, também produzirá aquilo que as pessoas consideram equivocadamente querer. SHILLER, Robert. "O fracasso em controlar o espírito animal" in *Jornal Folha de São Paulo, Caderno Dinheiro*, página B9, 15/03/2009

Enfim, diante dos argumentos e ponderações acima expostos, verifica-se que a crise econômica objeto deste estudo é uma conseqüência "pós-moderna" de um período de transição para uma nova acomodação econômico-social, levando-se em consideração o sujeito em busca de um significado para si mesmo.

Neste cenário, o que se pergunta é o que virá depois. Surgirá um novo regime econômico, uma alternativa ao capitalismo? Não se imagina possível uma "alternativa melhor que o capitalismo, pois nenhum outro libera tanto as energias produtivas da sociedade nem o supera na geração de renda, emprego e bem estar", como costuma afirmar o economista e ex-ministro da fazenda do Governo Sarney, Mailson da Nóbrega. No entanto, o que se espera é que da amarga experiência dessa nova crise possam ser tiradas profícuas lições, tais como a redução do consumo a níveis ideais, a valoração dos indivíduos e nações não estar baseada em simulacros de poder, a preocupação com a redução das desigualdades sociais, a sustentabilidade sob básicas harmônicas do trinômio produção-consumo-meio-ambiente, dentre tantas outras. Caso contrário, no futuro, quando se pensar que a crise atual chegou ao fim, na realidade se estará preparando o caminho para que outra se instale, cujo estrago pode ser irreversível.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CROTTY, James, *Trading State-Led Prosperity for Market-Led Stagnation: From the Golden Age to Global Neoliberalism*. In G. Dymksi and D. Isenberg, eds., *Seeking Shelter on the Pacific Rim: Financial Globalization, Social Change, and the Housing Market* (Armonk, NY: M.E. Sharpe, Inc., 2002, pp. 21-41.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. 16ª. Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-moderna*. 9ª. edição. Rio de Janeiro José Olympio, 2006

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. Brasiliense: 1987

SINGER, Paul. "As *políticas keynesianas à prova*" in *Jornal Folha de São Paulo*, página A3, 19/03/2009.

ZAJDSZNAJDER, Luciano. *Travessia do Pós-moderno. Nos tempos do vale-tudo*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

ZYGMUNT, Bauman. *O Mal-estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.